

Obsolescência programada e consumo desenfreado X simplicidade voluntária e cidadania planetária - Parte 1



Começemos com a primeira palavra: "obsolescência". O que, afinal de contas, esse palavirão significa? A maioria das pessoas, mesmo não sabendo o que significa o termo, convive diariamente com isso. Quantos celulares nós, nossos filhos ou amigos, tiveram nos últimos cinco anos? Alguém já lhe falou que é mais barato comprar um novo do que arrumar seja lá o que for? Bem, "obsoleto" é, de acordo com o Dicionário Aurélio, tudo aquilo "que caiu em desuso; arcaico; mal desenvolvido, atrofiado, rudimentar".

A segunda palavra, "programada", significa que as coisas devem durar pouco

e rapidamente serem substituídas por outras novas, mais modernas, mais bonitas, mais fashion!

Não conseguimos visualizar o ciclo de vida dos produtos e serviços que consumimos, ou seja, de onde vêm, como são fabricados, que materiais são usados para torná-los tão desejados por nós e principalmente qual o custo socioambiental para fabricá-lo? Mesmo as pessoas "ambientalmente conscientes" se convertem em consumidores alienados através de diferentes processos, como as estratégias de marketing e propaganda que condicionam os padrões de consumo, especialmente através da dimensão emocional, pela recriação de desejos insatisfeitos e pela manipulação da

sensibilidade socioeconômica como argumento de vendas. E, além disso, a obsolescência programada faz com que as coisas tenham um prazo de validade muito curto.

Do ponto de vista econômico, a modernidade foi construída em torno da produção, do trabalho e da necessidade, enquanto que, atualmente, a posmodernidade se constrói sobre o consumismo, o marketing e o desejo.

Nas sociedades mais avançadas economicamente, o consumidor ocupa o lugar da identidade pessoal e coletiva dos cidadãos. Será que hoje é possível ser um cidadão sem ter esse padrão atual de consumo?